

# A OPOSIÇÃO NA “LITERATURA STRONISTA” E A OPINIÃO PÚBLICA NA DITADURA DO GENERAL ALFREDO STROESSNER (PARAGUAI, 1954-1989)

## THE OPPOSITION IN THE “STRONISTA LITERATURE” AND THE PUBLIC OPINION DURING THE DICTATORSHIP OF GENERAL ALFREDO STROESSNER (PARAGUAY, 1954-1989)

**Paulo Renato da Silva**

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

**Correspondência:**

Rua Patrulheiro Venanti Otremba, 293, apto 66 (Edifício Viena), Vila Maracanã, 85852-020, Foz do Iguaçu (PR).

E-mail: [paulo.silva@unila.edu.br](mailto:paulo.silva@unila.edu.br)

### Resumo

O objetivo deste artigo é analisar representações da oposição na “literatura stronista”, caracterizada pela exaltação dos “feitos” do general e ditador paraguaio Alfredo Stroessner (1954-1989). O forte controle do espaço público pela ditadura não eliminou o dissenso na sociedade paraguaia, o que repercutia na opinião pública. As representações dos opositores no discurso stronista visavam criar um “inimigo” que justificasse a repressão, mas a permanência do dissenso também fez com que o discurso stronista precisasse se apropriar de princípios, demandas e processos ligados à oposição, como indica a análise da “literatura stronista”.

**Palavras-chave:** Paraguai, ditadura, oposição.

### Abstract

The aim of this paper is to analyze the representations of the opposition in the “stronista literature”, characterized by exaltation of Paraguayan Dictator, General Alfredo Stroessner (1954-1989). The representations of the opponents in the “stronista literature” were intended to create an “enemy” to justify the crack-down. However, the control of public space by the dictatorship did not eliminated the dissent in the Paraguayan society and public opinion, as indicated by the analysis of the “stronista literature”.

**Keywords:** Paraguay, dictatorship, opposition.

## Introdução

“Eu, o Supremo Ditador da República, Ordeno que ao suceder minha morte meu cadáver seja decapitado, a cabeça posta em um mastro por três dias na Plaza de la República, para onde se convocará o povo ao som incessante dos sinos. Todos os meus servidores civis e militares sofrerão pena de enforcamento. Seus cadáveres serão enterrados em baldios fora da cidade, sem cruz nem marca que memore seus nomes. Ao término do dito prazo, mando que meus restos sejam queimados e as cinzas lançadas ao rio...”

Onde encontraram isso? Cravado na porta da catedral, Excelência. Um grupo de granadeiros descobriu-o esta madrugada e o retirou, levando-o ao comando. Felizmente ninguém conseguiu lê-lo. Não te perguntei isso, nem é coisa que importe. Tem razão, Excelência, a tinta dos pasquins azeda mais rápido que o leite. Também não é folha de gazeta portenha nem arrancada de livros, Senhor. Que livros pode haver aqui afora os meus!

Augusto Roa Bastos, *Eu, o Supremo* (1974).<sup>1</sup>

Um dos livros mais conhecidos da literatura paraguaia – senão o mais conhecido –, *Eu, o Supremo*, de Augusto Roa Bastos (1917-2005), começa com um panfleto contra o Supremo Ditador. O panfleto ironiza a sua sede de poder, pois a menção à sua morte também é uma menção à finitude deste poder. O Supremo Ditador reage inicialmente com preocupação, pois quer saber onde encontraram o panfleto. Em seguida demonstra indiferença: parece acreditar no apoio do povo – “a tinta dos pasquins azeda mais rápido que o leite” – ou no controle que exerce sobre ele – “Que livros pode haver aqui afora os meus!”.

*Eu, o Supremo* é lido por muitos autores como uma metáfora da ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-1989) no Paraguai. Roa Bastos publicou o livro em 1974, em plena ditadura, e em Buenos Aires, onde estava exilado. Independentemente da pertinência ou não dessa leitura, o escritor nos oferece uma boa imagem para introduzirmos a questão do espaço público e da circulação de ideias durante o stronismo.

A historiografia sobre o stronismo é fortemente marcada pela perspectiva da desarticulação e do controle do espaço público paraguaio pela ditadura. Consequentemente, desarticulação e controle da opinião pública. O culto à personalidade de Stroessner teria sido uma das principais características desse processo, o que teria contribuído para o amplo uso da corrupção e do clientelismo para conquistar o apoio da sociedade, dos militares e dos membros do Partido Colorado, ao qual pertencia Stroessner. De acordo com Alfredo Boccia Paz:

<sup>1</sup> ROA BASTOS, Augusto. *Eu, o Supremo*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 6.

(...) se había iniciado un impresionante culto a la personalidad del conductor que era incentivado por el mismo Stroessner, a quien le subyugaba ser adulado. La obsecuencia se volvió cotidiana en los discursos oficiales, en la prensa partidaria, en las audiciones de radio, en los carteles sobre las rutas – “Paz y progreso con Stroessner” – y en las centenas de calles, plazas, construcciones y músicas que llevaban su nombre. Paralelamente a las muestras públicas de halagos y servilismo, crecía la corrupción y el clientelismo como forma de retribución al apoyo y la militancia partidaria<sup>2</sup>.

Essa perspectiva está presente inclusive nos estudos sobre a crise e a queda da ditadura. Além da crise econômica e social gerada, dentre outros fatores, pelo término da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, as explicações recorrentes para a queda de Stroessner destacam, sobretudo, as crises políticas internas no Partido Colorado e nas Forças Armadas, o que teria prejudicado a simbiose entre colorados e militares que tinha sido consolidada pela ditadura. Apesar da crise econômica e social, a sociedade paraguaia teria tido um papel de mera espectadora na queda de Stroessner. Andrew Nickson defende ser um “mito” a participação popular na queda da ditadura:

El (...) mito se refiere a la perspectiva de que el régimen fue derrocado por un movimiento popular para conseguir la democracia (...). De hecho, el movimiento de protesta durante la segunda mitad de 1980 fue relativamente reducido con respecto a la cantidad de personas movilizadas y estuvo concentrado casi exclusivamente en Asunción. (...). De hecho, la caída de Stroessner tiene mucho más que ver con los esfuerzos por restablecer la alianza entre las Fuerzas Armadas y el Partido Colorado<sup>3</sup>.

Trata-se de uma perspectiva que remonta aos primeiros estudos sobre o stonismo, mas apresenta diferentes matizes. Ainda durante a ditadura Stroessner, Julio José Chiavenato denunciou a forte repressão da ditadura sobre os opositores e os setores populares, particularmente os camponeses, mas, em sua opinião, faltava uma “vanguarda” que organizasse e canalizasse as demandas sociais e a luta contra a ditadura. Além disso, em sua opinião, os meios de comunicação provocariam a “mistificação das massas”. Ações efetivas dos perseguidos pela ditadura e, mais amplamente, da sociedade paraguaia, são projetadas pelo autor para um futuro incerto. “Quando Stroessner cair, quando o *stoinismo* lutar definitivamente entre si e definir a partilha do butim feito ao Paraguai, surgirá uma voz popular, cansada, torturada, violentada, faminta – mas plena de esperança (...)”<sup>4</sup>. Assim, o predomínio econômico da agropecuária e a ausência de um processo expressivo de industri-

<sup>2</sup> FARINA, Bernardo Neri; PAZ, Alfredo Boccia. *El Paraguay bajo el Stonismo (1954-1989)*. Assunção: El Lector; ABC Color, 2010. (Colección La Gran Historia del Paraguay), p. 106-107. O nome oficial do Partido Colorado é Associação Nacional Republicana (ANR).

<sup>3</sup> NICKSON, Andrew. El régimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010, p. 291-292.

<sup>4</sup> CHIAVENATO, Julio José. *Stroessner: retrato de uma ditadura*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 148.

alização no país fizeram com que a “tradição marxista” contribuísse para esse olhar sobre a sociedade paraguaia, a qual seria marcada pela falta de movimentos sociais e políticos autônomos e representativos, e a sua “burguesia” seria frágil e dependente do Estado.

Entretanto, há mudanças importantes em curso na historiografia. Destacamos, por exemplo, o recente livro de Lorena Soler, *Paraguay, La Larga Invencción del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo*. A autora critica as explicações tradicionais sobre o stronismo por considerá-las deterministas, essencialistas e, assim, anularem historicamente a sociedade paraguaia. Segundo Soler, a maioria dos estudos “(...) circunscribieron el estudio del orden político al stronismo mismo (...)”<sup>5</sup>, desconsiderando outras esferas do sistema político paraguaio. Acrescentamos: desconsiderando outras esferas do “fazer política” no país. Como destaca a autora, as explicações tradicionais, paradoxalmente, “(...) reforzaban el discurso que el propio régimen stronista había recreado”<sup>6</sup>, por exemplo, no que se refere à:

(...) una suerte de *inevitabilidad de un régimen de características autoritarias y despóticas* para una sociedad gobernada eternamente – es decir desde siempre y para siempre – por el Partido Colorado. Este *destino político* se vinculaba, asimismo, a una suerte de militarismo colorado arraigado, posible de lograrse por la *pasividad del pueblo acostumbrando a “gobernantes fuertes”* [grifo meu]. Como irónicamente ha referido José Carlos Rodríguez, “Paraguay fue visto como un país sin sociedad, con gente niña, donde solo podía funcionar con eficiencia la misión y en donde el despotismo estatal tenía una función civilizadora o, al menos, constituía un hecho inevitable”<sup>7</sup>.

Sobre a historiografia produzida *no Paraguai*, Liliana M. Brezzo destaca que esta ainda é fortemente marcada pelo nacionalismo e pelos interesses político-partidários. Contudo, considera que a produção historiográfica no país também passa por mudanças importantes:

El necesario eclipse del influjo nacionalista en la práctica de la historia en Paraguay aún no se ha producido. No obstante, una serie de acontecimientos originados en la transición ha abierto un contexto histórico optimista. La caída del régimen de Alfredo Stroessner, en 1989, el inicio del proceso de redemocratización y la integración regional del MERCOSUL, en 1991, han favorecido los esfuerzos por superar el aislamiento, y procurar una historia más abierta a nuevos enfoques teóricos y temáticos (...). Los estudios históricos siguen ocupando un lugar importante en las actividades culturales del país, aunque persiste aún “mucho fuego y poca luz” en la práctica de la historia, quizás por la pervivencia de un interés

<sup>5</sup> SOLER, Lorena. *Paraguay, la Larga Invencción del Golpe: el stronismo y el orden político paraguayo*. 1ª ed. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012. p. 15.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 15-16.

no genuinamente cultural, sino condicionado y plegado a las exigencias y a los objetivos de la política<sup>8</sup>.

Outro processo fundamental se iniciou em 22 de dezembro de 1992, quase 4 anos depois da queda da ditadura. Naquele dia, o ativista Martín Almada, perseguido e preso pela ditadura Stroessner, encontrou em Lambaré, nos arredores de Assunção, os arquivos secretos da polícia stronista. Os arquivos foram transferidos para o Palácio de Justiça de Assunção e lá permanecem sob tutela do Poder Judiciário. Os arquivos deram origem ao Centro de Documentación y Archivo para la Defensa de los Derechos Humanos del Poder Judicial, o qual tem possibilitado pesquisas sobre a repressão e a resistência durante a ditadura. Essas pesquisas têm mostrado que a relação da sociedade paraguaia com o stronismo foi mais complexa e heterogênea do que normalmente se pensa. Uma análise preliminar dos arquivos foi publicada em 1994 no livro *Es mi Informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner*, sobre o qual voltaremos a escrever na conclusão deste artigo.

Consideramos ainda o seguinte: a ascensão de Fernando Lugo ao governo do Paraguai em 2008 colaborou para o amadurecimento dos debates e das pesquisas históricas, particularmente sobre o stronismo e o papel da sociedade paraguaia durante a ditadura. Em 60 anos, era a primeira vez que assumia um presidente que não pertencia do Partido Colorado de Stroessner, o que deu visibilidade ao descontentamento da sociedade paraguaia com os colorados e abalou as imagens deterministas que existem sobre o país. Filiado ao Partido Democrata Cristão, Lugo liderou uma coalizão de partidos e de movimentos sociais de oposição. Seu governo implantou políticas em relação às vítimas da ditadura: políticas de reparação econômica, mas também histórica. Desde a campanha, Lugo procurou se legitimar como um rompimento com a política paraguaia anterior e as políticas voltadas às vítimas da ditadura fizeram parte deste processo de legitimação. Um exemplo dessas políticas pode ser visto na criação, em 2009, da “Dirección General de Verdad, Justicia y Reparación”. A Direção foi criada para dar prosseguimento ao trabalho da “Comisión de Verdad y Justicia”, cujo relatório final, sobre os crimes cometidos pela ditadura, foi finalizado em 2008<sup>9</sup>. Outra medida foi a criação, em 2011, do “Museo Virtual Meves (Memoria y Verdad sobre el Stronismo)” (<http://www.meves.org.py/>). O museu visa facilitar a divulgação das conclusões feitas pela “Comisión de Verdad y Justicia” em seu relatório final, o qual pode ser consultado no site do museu ([http://www.meves.org.py/?node=page&meves=blog\\_631,0](http://www.meves.org.py/?node=page&meves=blog_631,0)). Essas iniciativas ajudaram a conhecer melhor o papel da sociedade para-

<sup>8</sup> BREZZO, Liliana M. La Historia y los Historiadores. In: TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010, p. 29.

<sup>9</sup> A “Comisión de Verdad y Justicia” foi formada em 2003, através da lei 2225/03 de outubro daquele ano. A lei resultou de uma iniciativa da sociedade civil paraguaia apresentada ao Legislativo e ao Executivo do país. Portanto, foi uma iniciativa da sociedade civil ainda sob o domínio do Partido Colorado na presidência. Movimentos pró-direitos humanos se organizam no Paraguai já na década de 1990.

guaia durante o stronismo, para além do suposto colaboracionismo que teria predominado naqueles anos da ditadura.

O objetivo deste artigo é analisar representações da oposição no discurso stronista. Consideramos que o rígido e violento controle do espaço público pela ditadura não eliminou o dissenso na sociedade paraguaia, ainda que este tenha sido redirecionado para outros âmbitos e manifestações. Ou seja, apesar dos pesares, existia uma opinião pública no país. Pode parecer paradoxal estudar o espaço público a partir do discurso daqueles que atuaram pela sua desarticulação. De fato, por um lado, as representações dos opositores no discurso stronista visavam criar um “inimigo” que justificasse a repressão contra estes setores. No entanto, se trata de um processo mais complexo. A permanência do dissenso também fez com que o discurso stronista precisasse se apropriar de bandeiras opositoras. Apesar do autoritarismo e da repressão e da desigualdade de acesso ao espaço e à opinião pública, o Paraguai, de 1954 a 1989, não foi caracterizado pela voz monolítica da ditadura. Analisaremos as representações da oposição a partir de um material ainda pouco estudado pela historiografia: havia a produção de uma “literatura stronista”, que visava difundir os “feitos” do governo e do ditador, assim como exaltar sua biografia, características e “habilidades”. Escritos predominantemente por colorados, esses livros também serviam para os autores se promoverem, tendo em vista cargos e outros tipos de benefícios.

Consideramos que as representações da oposição no discurso stronista nos permitem apreender algumas das tensões que existiram entre a ditadura e a opinião pública, ao invés de considerar a opinião pública como um simples e automático produto da vontade de Stroessner. Pautados em autores como Robert Darnton, consideramos que a imprensa e a produção cultural sejam espaços de interações e de tensões entre uma opinião pública existente – ou supostamente existente – e outra que se deseja formar ou consolidar. Nesse processo interferem registros e expressões variadas, que vão do escrito ao oral. Segundo Darnton, as “(...) autoridades francesas, como todo o mundo, não conseguiram definir “o público”, porém sabiam que este tinha opiniões e mantinham-se atentas a elas”<sup>10</sup>. Não se trata de equiparar a monarquia absolutista francesa do século XVIII, estudada por Darnton, com a ditadura Stroessner. Entretanto, a exemplo do que ocorria – e ainda ocorre – na historiografia sobre o absolutismo, a questão do espaço e da opinião pública nem sequer costumam ser levantados pelos pesquisadores do stronismo. Como afirma Darnton em relação ao absolutismo, quando “(...) se deram ao trabalho de estudá-la [a opinião pública], os historiadores em geral a trataram como uma idéia debatida por filósofos, e não como uma força capaz de configurar acontecimentos”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> DARNTON, Robert. *Os Best-Sellers Proibidos da França Pré-Revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 249.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 255.

## A oposição na “literatura stronista”

Este artigo é fruto de uma aproximação ainda inicial com a “literatura stronista”. Um primeiro ponto a ser destacado é a própria existência dessa “literatura” e em diferentes períodos do governo de Stroessner: aqui analisaremos textos que vão de 1966 a 1987. Ainda nos faltam dados importantes como a divulgação e a circulação desses materiais, quantidade de exemplares e edições, preços, se eram distribuídos gratuitamente, etc. Porém, chama a nossa atenção a importância que essa “literatura” parece ter tido para a ditadura, apesar da expressiva população não alfabetizada e do reduzido mercado editorial do país: acreditamos que essa aparente contradição se explica, justamente, pelas interações e tensões desta produção com a opinião pública paraguaia. Neste artigo apresentaremos um panorama dessa “literatura” a partir dos seguintes títulos levantados e consultados preliminarmente: *La Época de Alfredo Stroessner: valoración política, histórica y filosófica* (1966), de Augusto Moreno, *Stroessner: una luz en la noche* (1968), de Cristóbal Alberto Frutos Neusffamer, *Stroessner* (1972), de Sindulfo Perez e Carlos Meo, *Stroessner, el Presidente de la Paz, del Progreso y del Bienestar* (1973), também de Cristóbal Alberto Frutos Neusffamer, *Stroessner, Caudillo de America* (1974), de Roque Vallejos, *Stroessner, el Desbrozador* (1977), de Hipólito Sánchez Quell, *El Presidente Stroessner en el Marco de la Historia Nacional* (1978), de Horacio Escobar Martínez, *Stroessner, Defensor de las Instituciones Democráticas* (1983), de Ubaldo Centurión Morinigo e *Stroessner: un modelo republicano y democrático de gobierno* (1987), de Adán Godoy Jiménez.

Os títulos já nos indicam a relação destes livros com a opinião pública paraguaia. Não é casual que dois deles façam referência explícita à democracia, ambos publicados na década de 1980, período no qual a América Latina vivia um intenso processo de (re)democratização: quando Stroessner cai em 1989, apenas restava a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) no Chile. Diante do avanço da (re)democratização, a ditadura Stroessner procura conciliar os seus pilares tradicionais com as mudanças em curso:

(...) se presenta una propuesta de organización interna y de *actualización* del ideario republicano en consonancia con los avances socioeconómicos y políticos de la Nación, el desarrollo científico y tecnológico, la *situación internacional* y el crecimiento de la fuerza electoral del coloradismo – verdadera expresión de la voluntad popular.

Estamos convencidos de la necesidad de impulsar *nuevas estrategias que perfeccionen* la dinámica partidaria si realmente deseamos acrecentar y hacer más efectiva la vigencia doctrinaria y programática de la Asociación Nacional Republicana, acordes a su *tradición democrática*, vocación nacionalista y principios solidarios que se afirman y se proyectan en la historia misma de la patria<sup>12</sup>. [grifos meus]

<sup>12</sup> JIMENEZ, Adán Godoy. *Stroessner: un modelo republicano y democrático de gobierno*. Asunción: Editorial Che Retã, 1987, p. 13.

Não se trata de um discurso direcionado apenas para a opinião pública internacional, que aumentou os questionamentos à ditadura na década de 1980. Gerardo Halpern e Carla Antonella Cossi, em seus respectivos estudos sobre os exilados paraguaios na Argentina, demonstram como estes se organizaram política e socialmente no país de destino e como mantiveram contatos com o país de origem, principalmente em áreas de fronteira, como enfatiza Cossi. A atuação desses exilados é um exemplo do que chamamos de *redirecionamento* do dissenso na sociedade paraguaia diante da censura e repressão da ditadura. Os contatos dos exilados com o país de origem demonstram, ainda, que parte dos paraguaios, residentes no Paraguai, possuíam outras referências sobre a situação política e social do país, além daquelas transmitidas pela ditadura. Halpern frisa, ainda, que a “politização” dos exilados não se inicia no exterior. “Sería grave desconocer que en aquel Paraguay hubo importantes movimientos que trataron de llevar a la esfera pública fuertes demandas contra la dictadura”<sup>13</sup>. Como desenvolve Halpern, na década de 1980, muitos exilados retornam ao Paraguai devido à crise econômica argentina, o que coincide com a “abertura” da ditadura Stroessner. Cabe à historiografia analisar o papel desses exilados – e de outros grupos político-sociais – na crise e queda da ditadura paraguaia. Halpern e Cossi destacam, ainda, que a militância na Argentina fez com que a luta pela democracia no Paraguai assumisse o contorno de uma causa latino-americana. “Casi sin excepción los exiliados participaron activamente en la militancia política por el retorno de la democracia al Paraguay, incluso aquellos hijos que nacieron y se criaron en la Argentina, pero lucharon por la democracia y los Derechos como una causa latinoamericana”<sup>14</sup>.

Vale ressaltar que a apropriação do conceito de democracia pelo stronismo não começa na década de 1980. Trata-se de um processo iniciado já em 1954, com a posse de Stroessner e, ao longo da ditadura, vários outros conceitos – relacionados ou não diretamente com a democracia – foram apropriados pela ditadura. Dentre esses conceitos destacamos liberdade, justiça social, soberania e inclusive o de revolução. Augusto Moreno destaca o seguinte:

En su mensaje a la Cámara de Representantes del 1º de Abril [de 1959], el Jefe de Estado hace un breve paréntesis para referirse a quienes desde el exterior se constituían en crónicos y porfiados detractores de su gobierno. Para desdicha de esa gente, incluso cuando ofenden y agravan participan del firme sostenimiento de la REVOLUCIÓN COLORADA (...). Porque precisamente esos corifeos de la mentira, se hallan emparentados a las oligarquías que sumieron al país, por largas y sangrientas décadas, en un caos tremendo (...)<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> HALPERN, Gerardo. *Etnicidad, Inmigración y Política: representaciones y cultura política de exiliados paraguayos en Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009, p. 285.

<sup>14</sup> COSSI, Carla Antonella. *Memorias Familiares del Exilio Paraguayo*. Asunción: Print Servis, 2012. p. 121.

<sup>15</sup> MORENO, Augusto. *La Época de Alfredo Stroessner*. Asunción: Comuneros, 1966, p. 101.

Não é casual a citação deste discurso por Augusto Moreno. No ano anterior, 1958, Stroessner tinha sido reeleito presidente como candidato único, o que desagradou não apenas aos partidos de oposição, mas também aos colorados contrários à concentração de poderes nas mãos do general. O ano de 1958 também foi marcado por uma greve geral, que foi violentamente reprimida e indicava os problemas econômicos enfrentados pelos trabalhadores. Em 12 de março de 1959, poucos dias antes do discurso acima citado, deputados colorados manifestaram seu descontentamento com a economia e a repressão aos movimentos sociais e, em 30 de maio, Stroessner fechou o Congresso. Livros como o de Moreno se referem aos colorados “traidores”:

Como en cualquier *democracia* del mundo libre, en la nuestra existen a veces los servidores desleales, y como en todo *movimiento revolucionario*, no faltarán los desertores y los aventureros. Pero esos errores son tan personales, que jamás constituirán la tónica de la *revolución*, ni mucho menos podrán calificar la ética política del Gobierno...<sup>16</sup> [grifos meus]

Novamente encontramos a “revolução” no discurso stronista. Após o fechamento do Congresso em 1959, surgiram grupos armados no país, estimulados pelo sucesso da Revolução Cubana<sup>17</sup>. Esses grupos foram duramente reprimidos pela ditadura, mas acreditamos que tenham colocado para o stronismo a necessidade de realizar uma leitura própria do que seria uma “autêntica revolução paraguaia”: a palavra revolução não era nova no vocabulário político paraguaio, mas se consolidou, então, uma estreita relação entre democracia, revolução e anticomunismo no discurso stronista. Em 1962, Stroessner comunicou que, em 1963, haveria eleições gerais, inclusive com a participação de opositores – vale frisar que eram opositores moderados e contrários aos grupos armados que tinham se organizado no país. Stroessner venceu as eleições e o Congresso foi reaberto, sob seu controle. Essas eleições, apesar de fraudulentas, ajudaram a legitimar o discurso “democrático” de Stroessner, sobretudo por contarem com a participação de opositores. Quando o livro de Moreno é publicado em 1966, está em curso o primeiro mandato de Stroessner disputado com um candidato opositor, do Partido Liberal. Novas “eleições” aconteceram em 1968, 1973, 1978, 1983 e 1988. É possível – e ainda está por ser devidamente estudado – que o discurso “democrático” tenha perdido legitimidade depois de tantas eleições fraudulentas, mas, inicialmente, pode ter ajudado a contrabalancear a opinião pública paraguaia.

Um dos principais slogans da ditadura de Stroessner era “Paz e Progresso com Stroessner”. O discurso e a propaganda stronista defendiam que o anticomunismo era necessário para se alcançar a “paz”, o que explicaria a exclusão dos co-

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 44.

<sup>17</sup> Cf. ARELLANO, Diana. *Movimiento 14 de Mayo para la Liberación del Paraguay: memorias de no resignación*. Posadas: Universidad Nacional de Misiones-Editorial Universitaria, 2005.

munistas da “democracia” que o governo dizia existir no país. Contudo, a ditadura também era questionada por outros grupos políticos e sociais, principalmente por setores do Partido Liberal e do Partido Febrerista. Além disso, a pobreza persistia no Paraguai, apesar da “modernização” promovida pela ditadura, representada por “grandes” obras como estradas, pontes e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, dentre outras. Consideramos que uma resposta da ditadura a esses questionamentos políticos e à percepção de que a pobreza continuava no país tenha sido a construção do período anterior a 1954 como “anárquico” e “caótico”, especialmente os anos compreendidos entre 1904 e 1947, caracterizados pelo predomínio do Partido Liberal<sup>18</sup>. A persistência da pobreza era relacionada a esse período anterior e, conseqüentemente, aos opositores da ditadura:

Es indudable, por otro lado, de que todavía existen campesinos sin tierra, familias sin vivienda propia, y alguna cantidad de analfabetos... Pero considerando que todo se hacía de nuevo..., que previamente se requería la apertura de la ruta revolucionaria, entre montañas enormes de mesquindades e infamias... Considerando que constituímos el pueblo más pobre de América Latina, observamos que lo que se hizo es mucho más de lo que las revoluciones sociales del mundo libre pudieron hacer, cuando las perspectivas eran idénticas a las nuestras (...)<sup>19</sup>.

De qualquer modo, os questionamentos políticos e a persistência da pobreza no país fizeram com que a imagem de Stroessner fosse marcada por uma tensão: por um lado, o ditador é apresentado como líder e representante do “Paraguai eterno”, ao lado dos próceres do século XIX, notadamente Francisco Solano López, que enfrentou a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870); por outro, ao ser historicamente situado, como na citação anterior, Stroessner tem que reconhecer e justificar, para a opinião pública, as limitações de sua ação.

Outra característica da apropriação do conceito de revolução pelo stronismo é a construção de Stroessner como um “líder americano”. Antes de prosseguir, vale frisar o seguinte: o termo “americano” é mais recorrente do que “latino-americano” no discurso stronista. Acreditamos que isso decorra das relações estreitas que a ditadura de Stroessner estabeleceu com os Estados Unidos. Esse discurso “americanista” está presente desde a posse de Stroessner em 1954, quando o presidente argentino Juan Domingo Perón (1946-1954 e 1973-1974) devolveu ao Paraguai os troféus que os argentinos tinham conquistado durante a Guerra da Tríplice Aliança<sup>20</sup>. Além de “americanismo”, outro termo recorrente no discurso stronista é o da “fraternidade” ou “confraternidade”, seja do Paraguai com a “América” ou com algum país específico da região.

<sup>18</sup> Cf. SILVA, Paulo Renato da. Lecciones de Historia Paraguaya: (re)leituras da História do Paraguai pelo stronismo. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, 2013. 14 p.

<sup>19</sup> MORENO, *Op. cit.*, p. 45.

<sup>20</sup> BREZZO, Liliana. *La Devolución de los Trofeos de Guerra*. Asunción: ABC Color; El Lector, 2014.

No entanto, na medida em que os movimentos revolucionários e armados se organizam e se fortalecem no Paraguai e na América Latina, o stronismo passa a disputar com a esquerda qual seria o “real” significado do “americanismo”. Em 1973, Perón retornou à Argentina depois de quase vinte anos no exílio e, neste período, setores de esquerda se aproximaram do peronismo, inclusive grupos armados. Perón teve grandes divergências com os setores mais à esquerda do seu próprio partido/movimento, mas, de qualquer forma, o peronismo, na década de 1970, passou a ser intimamente associado com a esquerda<sup>21</sup>. Em junho de 1974, Perón visitou o Paraguai, pouco antes de falecer em 1º de julho daquele ano. Ainda em 1974, Roque Vallejos publica *Stroessner: caudillo de América*, no qual destaca a visita de Perón e o encontro com Stroessner:

El flamante Teniente General Honorario del Ejército Argentino, Don Alfredo Stroessner alcanza la cúspide de la consagración americana. (...). La similitud de Stroessner con los López de la Patria Grande es una asociación imperativa, que surge de la mística de sus ejecutorias. (...). Como hoy Stroessner, ayer Solano López salía consagrado del Pacto de San José de Flores, como el más eminente estadista de su tiempo. Porque no debemos engañarnos, recién hoy con Stroessner se reata la auténtica fraternidad con los países vecinos, y en especial con la ínclita nación Argentina. (...).

Francisco Solano López recibió de manos del general Urquiza, la gloriosa espada de Cepeda. Hoy Stroessner, recibe de manos de Perón, una nueva espada argentina, esta vez con el más alto grado honorario que pueda conferir esa Nación. (...). Cuando ese gran líder americano que fue Juan Domingo Perón leyó su discurso fundamentador del grado honorario llamó a Stroessner: “**Eminente estadista americano**”. No era su voz. Era Historia<sup>22</sup>.

Ainda que instáveis, as relações entre Stroessner e Perón remontavam à década de 1950. Conforme destacamos, em 1954, Perón devolveu ao Paraguai os troféus da Guerra da Tríplice Aliança. Além disso, após ser derrubado em 1955, Perón se exilou no Paraguai durante algumas semanas<sup>23</sup>. Apesar dessas antigas relações e

<sup>21</sup> Durante seu primeiro período na presidência da Argentina, Juan Domingo Perón era anticomunista. Os comunistas inclusive apoiaram o golpe de Estado contra Perón em 1955. Contudo, após o golpe, parte da esquerda, de uma forma geral, faz uma revisão do peronismo e passa a valorizar, por exemplo, a noção de direitos que teria difundido entre os trabalhadores. Apesar dessa aproximação com a esquerda, os grupos de direita do partido/movimento peronista continuaram presentes e se articularam, como mostra a Aliança Anticomunista Argentina, a Triple A, cuja organização e funcionamento coincidiram com o retorno do peronismo na década de 1970. Houve intensos confrontos entre os grupos à direita e à esquerda do partido/movimento peronista.

<sup>22</sup> VALLEJOS, Roque. *Stroessner: caudillo de América*. Asunción: Editorial Blas Garay, 1974. p. 79-81. Em 1859, a “Argentina” ainda era marcada pelas guerras civis entre Buenos Aires e as Províncias reunidas na “Confederação”. A mediação de Solano López entre as duas partes resultou no Pacto de San José de Flores, o qual não conseguiu cessar as hostilidades.

<sup>23</sup> Sobre a instabilidade das relações entre Stroessner e Perón, alguns especialistas defendem que o golpe de 1954 no Paraguai, liderado por Stroessner, tenha sido dado contra as relações estreitas que o presidente paraguaio Federico Chaves (1949-1954) estava estabelecendo com Perón. Além disso, após o breve exílio de Perón no Paraguai, Stroessner tentou se aproximar dos governos antiperonistas que se sucederam na Argentina.

dos interesses econômicos em jogo naquele momento, como a construção da Usina Hidrelétrica de Yacyretá, não nos parece casual que Roque Vallejos destaque o reencontro entre Stroessner e Perón na década de 1970, pois existia pelo menos um motivo adicional para fazê-lo: conforme destaca Halpern, houve uma aproximação entre o peronismo de esquerda e os exilados paraguaios na Argentina, o que teria contribuído para que a organização e a atuação destes exilados não se pautassem, somente, por suas necessidades imediatas:

Se luchaba, no sólo por la documentación (...), sino también por la distribución igualitaria de la riqueza, el fin de la explotación y la construcción de la “Patria Grande” frente al “imperialismo yanqui”. El “peronismo de las villas” es recordado por los grupos que tomaron parte en estas experiencias como un importante agente social de articulación, reivindicación y lucha de los inmigrantes regionales en Argentina<sup>24</sup>.

Cabe desenvolver e exemplificar um pouco mais a apropriação da história paraguaia pelo stronismo. Essa apropriação também deve ser analisada como uma resposta da ditadura a apropriações da história nacional que também eram feitas pelos opositores de Stroessner. Como bem assinala o sociólogo paraguaio José Carlos Rodríguez, em entrevista concedida a Lorena Soler, “Ellos, los colorados, eran lopistas; la guerrilla de los setenta también era lopista. Eran lopistas los de izquierda, los de derecha y los de centro. (...). Yo no, yo nunca fui lopista, te cuento... Pero tampoco antilopista...”<sup>25</sup>. Ou seja, o uso que a ditadura fez da memória da Guerra da Tríplice Aliança e de Francisco Solano López não representa, necessariamente, um mecanismo de “mistificação das massas”; pelo contrário, também representa um dos pontos de disputa e tensão entre Stroessner e os opositores. Para reforçar a suposta identificação de Stroessner com a história e a identidade nacionais, o discurso stronista inclusive escreveu uma “biografia” teleológica do pai do ditador, cuja nacionalidade era alemã, ligando-o ao Paraguai mesmo antes de sua chegada ao país:

Hugo Stroessner [pai do ditador], primero sentó sus reales en el Brasil, país del que pasó a radicarse en Posadas (Misiones, R. A.). Sabía ya que estaba en territorio de tradición paraguaya, donde, a pesar del tiempo transcurrido después de la obligada desmembración territorial de nuestro país, persistía aún la huella de las misiones jesuíticas cumplidas con masas humanas guaraníes, las mismas que permitieron a los conquistadores hispanos, extender y defender los límites de sus dominios. (...). El Nuevo Mundo aparecía a sus oídos con el sonido de una lengua propia. Era la lengua de los guerreros de que habría tenido ya noticia en Europa. En esa lengua de nuestros héroes empezaba a percibir el alma de nuestra Patria.

<sup>24</sup> HALPERN, *Op. cit.*, p. 214.

<sup>25</sup> *Apud SOLER, Op. cit.*, p. 117.

Hugo Stroessner, observando desde la orilla izquierda del Río Paraná, más de una vez sintió el deseo de cruzarlo y llegar hasta ese país de leyendas; de grandes héroes y de mujeres hermosas. Ya en Posadas cultivó la amistad de algunos paraguayos y supo auscultar el alma de los hijos de esta tierra santificada por todas las adversidades del destino<sup>26</sup>.

É necessário levantar e pormenorizar como essas apropriações da história paraguaia por diferentes grupos políticos e sociais repercutiram – e ainda repercutem – na opinião pública do país. De qualquer forma, consideramos possível afirmar que a apropriação stronista nem sempre predominou. Como afirma Lorena Soler:

(...) si la figura de Solano López era factible de inmortalizar, no menos lo sería la figura de Stroessner que, independientemente de su longeva vida, hizo todo para formar parte del panteón. Pero la práctica de autoinmortalizarse dando su nombre a un barrio, un distrito (provincia), un aeropuerto; construyendo monumentos en su propio honor que lo pusieran a la altura del gran prócer Francisco Solano e incluyendo su cumpleaños en el calendario oficial, tendría que afrontar todavía el proceso de transición a la democracia y su desolada muerte en Brasilia<sup>27</sup>.

Para terminar, ainda no âmbito das apropriações da história paraguaia pelo stronismo e pelos opositores, a gradual aproximação política e econômica da ditadura com o Brasil colocava em xeque a representação de Stroessner como um seguidor e continuador de Solano López, morto inclusive por tropas brasileiras no final da Guerra da Tríplice Aliança. Além disso, em 1965, imprecisões na fronteira, herdadas da guerra, novamente provocaram fortes desentendimentos entre Paraguai e Brasil: tropas brasileiras ocuparam Puerto Renato, no Paraguai, para reivindicar a posse brasileira dos Saltos del Guairá – conhecidos no Brasil como Sete Quedas. Como justificar a aproximação com o “inimigo”? A aproximação da ditadura com o Brasil era muito questionada pela oposição, principalmente o acordo para a construção de Itaipu e a facilidade com a qual milhares de brasileiros, os

<sup>26</sup> NEUSFFAMER, Cristóbal Alberto Frutos. *Stroessner: una luz en la noche*. Asunción: 1968, p. 3. O entrelaçamento entre a história nacional e a trajetória familiar e pessoal de Stroessner também encontramos em *El Presidente Stroessner en el Marco de la Historia Nacional*, de Horacio Escobar Martinez. Além de novas referências ao pai do ditador, o autor destaca que Stroessner nasceu em 1912 poucos meses depois do falecimento do general Bernardino Caballero. Caballero é considerado como um herói da Guerra da Tríplice Aliança e foi um dos fundadores do Partido Colorado. Ao lado de Solano López, era um dos personagens históricos mais citados e enaltecidos por Stroessner. O nascimento de Stroessner, pouco depois do falecimento de Caballero, demonstraria que ele estava “predestinado” a continuar a obra do fundador do Partido Colorado. “Y ya llegaba a su fin aquel año de 1912, y las heridas del pueblo paraguayano abiertas con motivo de la muerte del CENTAURO DE YBYCUI [Caballero] no habían cicatrizado, cuando el día 3 de Noviembre, (...) nació del matrimonio MATIAUDA-STROESSNER, (...) el hombre que había de llenar con su nombre y con sus actos uno de los capítulos más brillantes de la historia del Paraguay. Su nombre: ALFREDO STROESSNER MATIAUDA.” MARTINEZ, Horacio Escobar. *El Presidente Stroessner en el Marco de la Historia Nacional*. Asunción: Imprenta Militar, 1978, p. 131-132.

<sup>27</sup> SOLER, *Op. cit.*, p. 136.

chamados brasiguaios, entravam no país e se tornavam proprietários de terras. A ditadura, para legitimar a aproximação com o Brasil, passou a relacionar esta aproximação ao “desenvolvimento” e “progresso” do Paraguai, assim como ao rompimento do seu “isolamento” internacional:

Sin duda, el problema del Salto del Guairá, que ocupó toda la atención del pueblo paraguayo durante el año 1966 y que podría haber constituido conflicto de serias consecuencias para el país, teniendo en cuenta el mayor dimensionamiento geodemográfico de la República Federativa del Brasil, tuvo un resultado altamente satisfactorio para ambas naciones: la firma del Tratado de Itaipú, que dio curso legal para la construcción de la HIDROELECTRICA MAS GRANDE DEL MUNDO. Las tradicionales relaciones de hermandad que podrían haber sido estropeadas por culpa del mencionado episodio, salieron más fortalecidas al desembocar en la suscripción de numerosos convenios de cooperación bilateral, entre cuyos resultados se encuentra el Puerto Libre de Paranaguá sobre el Océano Atlántico, la utilización de importantes rutas camineras que hacen posible mejorar nuestra ubicación mediterránea, así como la construcción del Hospital del Cáncer y del Quemado, uno de los emprendimientos transcendentales en salud más modernos de America Latina<sup>28</sup>.

Esse trecho é um bom exemplo da necessidade de lermos o discurso stronista sob outros parâmetros. O discurso stronista não deve ser lido como mera propaganda, mas também deve ser relacionado aos questionamentos existentes na sociedade paraguaia contra a ditadura. Voltemos à citação acima: em 1987, portanto, mais de 20 anos após a crise dos Saltos del Guairá, o autor se refere ao episódio, o que consideramos indicar a permanência da crise na memória dos paraguaios e no discurso da oposição, apesar da “solução” encontrada: inundar as fronteiras com a represa de Itaipu. Apesar do apelo ao “progresso”, ao “desenvolvimento” e à inserção internacional do país, observamos que as divisões da sociedade paraguaia sobre o tema se manifestam no trecho acima. Por um lado, o Brasil é relacionado à “hermandad”, o que justificaria a aproximação com o país; por outro, a memória da Guerra da Tríplice Aliança também está presente, não pode ser ignorada, pois a própria ditadura tinha alimentado esta memória ao associar Stroessner com Solano López: por isso é destacado o “mayor dimensionamiento geodemográfico” do Brasil, o que poderia ter colocado o Paraguai novamente em risco, caso não tivessem chegado a um acordo. Especialmente no decorrer da década de 1980, essas tensões se evidenciaram cada vez mais no discurso stronista e minaram algumas das principais bases de sustentação da ditadura.

---

<sup>28</sup> JIMENEZ, *Op. cit.*, p. 30. Para dar mais um exemplo do apelo ao “progresso” para legitimar a aproximação com os antigos adversários da Guerra da Tríplice Aliança e, particularmente, com o Brasil, em 1973 foi publicado *Stroessner, el Presidente de la Paz, del Progreso y del Bienestar*, de Cristóbal Alberto Frutos Neusffamer: naquele ano, o Paraguai assinou tanto o acordo para a construção de Itaipu, com o Brasil, como o acordo para a construção de Yacyretá, com a Argentina.

## Considerações finais

Os pontos destacados neste artigo, evidentemente, não contemplam todas as tensões que existiram entre a ditadura stronista e a sociedade paraguaia. Além disso, é necessário dar a devida historicidade a cada um desses pontos no decorrer da ditadura. No entanto, o objetivo deste artigo foi demonstrar que o discurso stronista não é fruto de um “vazio” político e social: além do autoritarismo, da repressão, do assistencialismo, da corrupção e do contrabando, a ditadura, para se manter no poder, também procurava se apropriar de princípios, demandas e processos histórico-culturais relacionados à oposição, com o propósito de equilibrar a opinião pública. Conforme afirma José Alves de Freitas Neto, em seu estudo sobre a formação da Argentina:

As diferentes categorizações feitas dentro do perímetro da nação funcionam como oposições, mas também se articulam internamente. Ou seja, as fronteiras não são espaços exclusivos de confrontação, mas também de articulações. Deste modo podemos ver, ainda hoje, na Argentina e em toda a América Latina, a convivência entre pares aparentemente opostos (...)<sup>29</sup>.

Começamos o artigo com Augusto Roa Bastos e gostaríamos de terminar com ele. Em 1994, no prólogo da 1ª edição do livro *Es mi Informe*, sobre os arquivos secretos da polícia stronista, descobertos em 1992, o escritor denuncia todas as formas de colaboracionismo com a ditadura e não isenta de responsabilidades inclusive os que ocupavam posições inferiores no aparato do governo. “La responsabilidad suprema del jefe no eximía de culpa por omisión o negligencia a los subordinados desde el más alto al más bajo rango”<sup>30</sup>. No entanto, não estende essa “culpa por omissão ou negligência” para toda a sociedade paraguaia. “La crónica del terror no era desconocida. Pero sólo podía circular como el rumor del miedo, la única forma silenciosa de *conciencia pública* que existía por entonces [grifo meu]”<sup>31</sup>. A ditadura conhecia essa “consciência pública” e, por isto, o *pyrague* teve um papel tão central no stronismo: o *pyrague* é a palavra, em guarani, para designar os espiões, os delatores, os “dedos-duros”. Frequentemente visto como símbolo de uma sociedade colaboracionista e paralisada, consideramos que o espaço dado pela ditadura ao *pyrague* também demonstra que a sociedade paraguaia não se enquadrou plenamente no discurso stronista, inclusive em períodos de maior convergência, pelo menos esta

<sup>29</sup> FREITAS NETO, José Alves de. A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 169, abr.-jun. 2007, p. 168-169.

<sup>30</sup> ROA BASTOS, Augusto. Prólogo de la 1ª edición. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; GONZÁLEZ, Myrian; PALAU, Rosa. *Es mi Informe: los archivos secretos de la policía de Stroessner*. 5ª ed. Asunción: Centro de Documentación y Estudios (CDE); El Lector, 2006, p. 26.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 28-29.

parece ter sido a percepção da própria ditadura ao dar tamanha importância ao *pyrague*. Alfredo Boccia Paz, Myrian González e Rosa Palau, organizadores de *Es mi Informe*, afirmam o seguinte depois da análise dos arquivos da policia stronista: “Quizás ahora seamos más comprensivos con la apatía e indiferencia de una sociedad abrumada por la presión sorda, amenazante, interminable de saberse vigilada hasta en los actos más nimios”<sup>32</sup>. Preferimos concluir o seguinte após a análise da oposição no discurso stronista: houve uma *aparente* apatia e indiferença de uma sociedade sufocada por uma pressão silenciosa, ameaçadora e interminável sobre todos os seus atos.

*Artigo recebido em 21 de abril de 2013.*

*Aprovado em 02 de julho de 2014.*

---

<sup>32</sup> BOCCIA PAZ; GONZÁLEZ; PALAU, *Op. cit.*, p. 38.